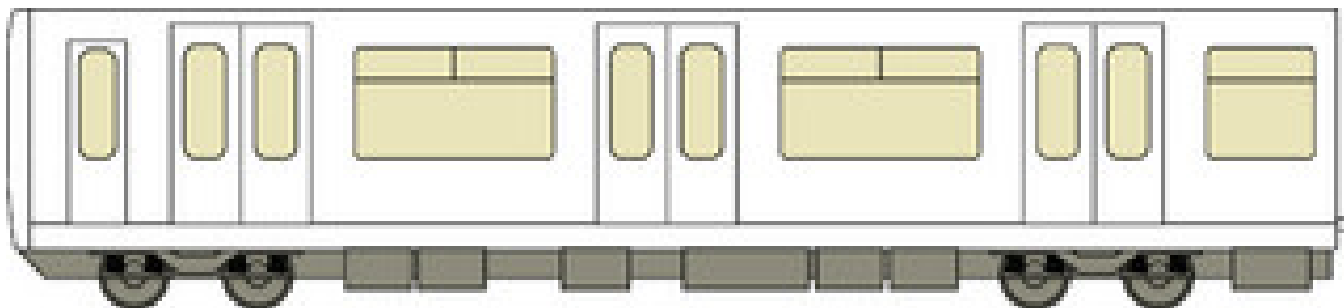


COVID-19 TRANSPORTES

Lotação dos autocarros a um terço só permite um metro de distância entre passageiros

01.05.2020 às 15h42



Distanciamento é metade do recomendado e uso de máscara deve ser garantido. Especialistas defendem incentivo a trabalho rotativo ou teletrabalho para evitar aumento de trânsito e sugerem passe diário ou semanal. Berlim, Milão e Paris estão a incentivar uso de bicicleta, criando ciclovias temporárias

RAQUEL ALBUQUERQUE

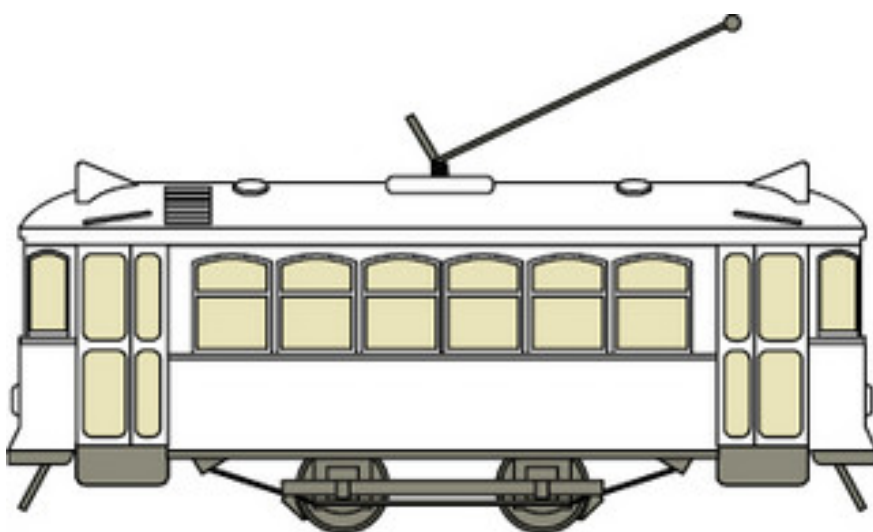
Um autocarro comum tem 85 lugares e com a lotação limitada a um terço transporta apenas 28 passageiros, o que permite um distanciamento social de 1,10 metros. Se a ocupação máxima for metade da sua capacidade, então a distância entre duas pessoas reduz-se para 90 centímetros. Em ambos os casos, é cerca de metade do que é recomendado como distância de segurança entre pessoas num mesmo espaço. Só que para cumprir esse espaçamento de dois metros cada autocarro teria de andar quase vazio, com apenas oito passageiros.

“É preciso que a utilização de máscaras seja obrigatória, para complementar o distanciamento possível nos transportes”, defende Filipe Moura, especialista em mobilidade, professor no Instituto Superior Técnico (IST) e autor dos cálculos do distanciamento possível para diferentes níveis de ocupação de um autocarro da Carris. Com 80% da sua lotação (68 pessoas), o espaço entre passageiros ronda os 70 centímetros. Se o autocarro for cheio, com os 50 lugares sentados e 35 em pé todos ocupados, o distanciamento entre as pessoas não vai além dos 60 centímetros.

O uso obrigatório de máscara nos transportes públicos a partir da próxima semana foi assegurado pelo primeiro-ministro em entrevista ao Expresso há duas semanas e vai ao encontro do apelo feito por especialistas em saúde pública e pelas empresas de transporte rodoviário de passageiros.

Para permitir dois metros de distância social, os autocarros teriam de andar com oito passageiros, ou seja, 10% da lotação

Além do uso obrigatório de máscara, Filipe Moura sugere ampliar o espaço dos transportes, retirando assentos nos autocarros e no metro, tal como aconteceu nos comboios que fazem a travessia da Ponte 25 de Abril como resposta à maior procura de passageiros depois da entrada em vigor dos novos passes, em abril de 2019. “Para dar resposta à necessidade de distanciamento e ao possível aumento da procura nas próximas semanas poderão ser feitas marcas no chão dos veículos para delimitar a área de segurança individual, aumentar a frequência dos autocarros ou evitar que as pessoas procurem os transportes todas ao mesmo tempo, desdobrando horários ou através da promoção intensiva do teletrabalho”, aponta o especialista. Criar mais faixas bus na cidade, para garantir uma circulação mais rápida e frequente de autocarros, de forma a dar resposta à redução da lotação de cada veículo, é outra possibilidade.

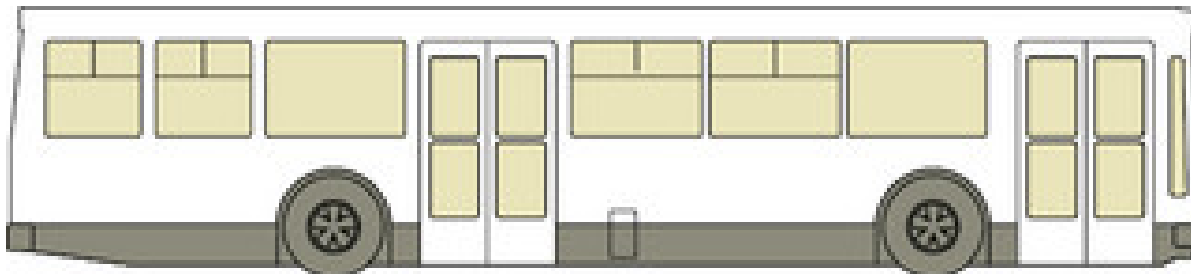


O receio da falta de distanciamento social ou da incapacidade de os transportes darem resposta à procura pode levar muitas pessoas a recorrerem ao carro, alerta Filipe Moura. “Acredito que só mesmo os que não tenham alternativa andem de transportes públicos. E isso pode gerar um boom de tráfego na cidade à medida que as medidas de restrição forem aliviadas”, defende o investigador. Contudo, José Manuel Viegas, professor catedrático do IST e antigo secretário-geral do Fórum Internacional dos Transportes, lembra que o problema do distanciamento não se coloca a todas as horas do dia. “Há um número significativo de viagens fora das horas de ponta e acredito que essas pessoas continuem a usar os transportes públicos.”

“Acredito que só irá andar de transportes públicos quem não tenha alternativa”, diz Filipe Moura, professor do Técnico

Uma forma de incentivar o uso dos transportes é passar a permitir que o passe possa ser comprado por um período de dias à escolha ou por uma semana. Uma vez que o teletrabalho deverá continuar a ser uma prática nos próximos tempos, deixa de fazer sentido obrigar a comprar passe para um mês. “Propus essa solução em 2005 e ainda faz mais sentido agora, com o trabalho por turnos semanais, porque as pessoas não vão

precisar de passe para todos os dias”, explica o professor catedrático do IST. “Em Lisboa, o sistema tecnológico até já o permite.”



CICLOVIAS POP-UP

Perante o mesmo problema, cidades como Berlim, Milão e Paris estão a aproveitar para incentivar o uso de bicicleta, introduzindo pistas cicláveis, em alguns casos num modelo pop-up, montadas de um dia para o outro em espaços agora livres de automóveis. Paris admite que a redução da lotação dos transportes obrigue quatro milhões de pessoas a procurarem alternativas para se deslocarem.

“A bicicleta é o modo de transporte mais compatível com o distanciamento social. A Área Metropolitana de Lisboa poderia introduzir um programa massivo de aquisição de bicicletas elétricas partilháveis e pistas cicláveis. Se for feito rapidamente, permitiria trazer algumas pessoas para este modo de transporte em alguns meses e esse espaço teria sido subtraído ao automóvel. Outras cidades europeias estão a aproveitar a oportunidade”, alerta José Manuel Viegas.